

## DISCURSO DE POSSE(\*)

Senhores Acadêmicos,

Eis-me aqui, na Casa de Kosciuszko Leão e Saul de Navarro, símbolo dos nossos valores maiores. Destas alturas setenta anos nos contemplam.

"A estrela de meu Deus me fez chegar. Daqui se avista o Infinito".

O caminho percorrido foi longo e áspero. Mas a bússola da esperança mostrou-me o rumo. Não poderia perder-me.

E no instante em que piso a soleira desta academia para tornar-me um de seus pares, quero dizer do meu orgulho e emoção ao cruzar estes umbrais e, penhorado, agradecer-lhes o ter-me ungido consagrando meus esforços ao longo da vida.

Ao transpor estes portais sagrados desejo proferir singela oração na qual pretendo dizer algo de mim mesmo, para depois fazer o registro de praxe sobre o patrono da cadeira n. 37, concluindo pelo elogio de seu primeiro ocupante, a quem tenho a honra de suceder.

Na primeira parte será bem fácil. Breves anotações sobre minhas experiências e concepções em torno de literatura. Na segunda e terceira partes o caminho é mais difícil de percorrer, eis que demanda pesquisa e estudo no sempre delicado terreno alheio.

Mas que não se assustem os que aqui vieram honrar-me com suas presenças, pois farei tais observações sempre atento ao conselho de Dom Quixote ao seu fiel escudeiro Sancho Pança, após ter-lhe imposto prolongado silêncio: "Desembucha. Mas trata de ser breve. Os discursos para agradarem têm de ser breves e conceituosos".

Aqui no pórtico da Academia e lembrando Raul Pompéla devo dizer com essa emoção inciatrizável, que sinto no dia de hoje, que o fato de ser acadêmico não me faz nem mais nem menos amante da literatura. Esta vocação nasceu comigo desde os primeiros instantes na minha pequena cidade do interior. Só que a luta pela vida levou-me a rumos estranhos de onde já começo a regressar. E agora, quando a travessia já vai distante, busco o reencontro do sonho de antigamente.

---

(\*) Discurso proferido pelo Ministro José Carlos da Fonseca, do TST, ex-Parlamentar e Jornalista, no plenário da Assembléia Legislativa do Espírito Santo, Palácio Domingos Martins, em Vitória, por ocasião de sua posse na Academia Espírito-Santense de Letras, no dia 07 de dezembro de 1990.

Naqueles tempos de Calgado andava eu a escrever uns versos e umas crônicas para o jornal "A Ordem"; e foi graças a um desses escritos, em que falava de Folia de Reis, que recebi uma das melhores lições do Professor Guilherme Santos Neves sobre o rico folclore de nossa terra. Sublinho esse fato exatamente para homenagear na figura inesquecível do Professor Guilherme um dos mais primorosos intelectuais de nosso Estado.

Eram tempos difíceis aqueles do começo de tudo. Eu jamais guardei rebanhos, como **Fernando Pessoa**,

"mas da minha aldeia via quanto da terra se pode ver o universo...

E por isso a minha aldeia era tão grande como outra terra qualquer, porque eu sou do tamanho do que vejo, e não do tamanho de minha altura".

E saí a percorrer a estrada de meu destino. Primeiro, Cachoeiro de Itapemirim, o Liceu Muniz Freire, vestuto e grave, a cidade de poetas e escritores, de professores famosos: Desdedit Baptista, Ávila Júnior, Wilson Rezende, Osíris Lopes, José Moisés, João Madureira, a mão providencial de Ailton Bermudes a segurar com firmeza minhas primeiras veleidades intelectuais. Devo-lhe o primeiro impulso generoso na direção de mim mesmo.

Finalmente Vitória. A geografia era bem curta, e eis que chega o moço bissonho e se encanta com as ruas ainda provincianas da cidade quatrocentona. Corria o ano de 1951. Festa comemorativa dos quatro séculos de colonização.

Por toda parte uma intensa movimentação intelectual. Grupos folclóricos, grupos teatrais, jograis e conferencistas se cruzavam pelos salões e casas de espetáculos tão escassos na Vitória daqueles tempos.

Fiquei deslumbrado.

"Paris c'est une fête", exclamava **Hemingway** diante da movimentação febril de Champs Elisée. Eu não fazia por menos: Vitória também era uma festa.

Liguei-me a um grupo de jovens estudantes que, sob a direção do ator Sady Cabral, encenariam diversas peças no Teatro Carlos Gomes com o título geral de ciclo do teatro, e que incluía peças desde Martins Pena até autores atuais, passando por um trabalho admirável do poeta Nilo Bruzzi, denominado Auto de Nossa Senhora da Vitória, que tratava exatamente da conquista final pelos portugueses das terras e manguês da atual capital capixaba.

Fui Pedro Palácios nessa história, e construí um convento que há mais de quatro séculos contempla a exuberante cidade que se derrama a seus pés.

Mas cortei as barbas de monge e ingressei na Folha do Povo, vespertino que se editava no final da rua 7 de Setembro. Depois, Rádio Espírito Santo, a voz de Canaan, revisor da Imprensa Oficial, tertúlias literárias pelas madrugadas de Vitória, poesias, crônicas, Academia Capixaba dos novos e as figuras inesquecíveis de minha geração: Antenor de Carvalho, Rômulo Sá, Christiano Dias Lopes, José Cupertino, Durval Cardoso, Setembrino Pelissari, Mário Gurgel, Elcio Alvares, José Carlos Oliveira e José Luiz Cacciari.

Aqui vale uma referência a um dos líderes da juventude intelectual de meu tempo: Renato Pacheco; a ele muito devemos eu e outros companheiros daquela época por não ter deixado morrer em nós a chama do interesse literário, esse fogo misterioso que aquece o espírito.

Estou correndo muito nesta viagem do tempo desde o dia em que parti de minha aldeia original. A poeira dos anos já obscurece o rosto de algumas lembranças inesquecíveis.

Mas aqui estou nesta noite gloriosa. Bons e admiráveis amigos já me esperavam. José Moysés convidou-me a chegar. Carlos Campos estimulou-me a entrar nesta Casa. Renato Pacheco deu-me a mão na porta da entrada. E João Herkenhoff esperou-me carinhosamente no alto da escadaria. Que melhores companhias poderia eu ter para ingressar em tão desejado cenáculo?

O vendaval da vida desviou-me do rumo inicial. Mas chego agora ao destino procurado. E a arte não tem pressa nem data. Como sua natureza é efetiva e emocional, pensam alguns que é a própria vibração da emotividade que comanda a produção artística. Ledo engano. Feita de emoção, a autêntica obra de arte só se realiza quando essa emoção desaparece, e uma certa distância se põe entre a experiência efetiva e a obra que se vai produzir. Daí a famosa definição de Wodsworth de que a poesia é a emoção revivida na tranqüilidade. E penso que o próprio Santo Tomás concordaria com André Gide quando este afirmava que não é com bons sentimentos que se faz boa literatura. Sobretudo depois de certas experiências artísticas mais recentes, embora reconheça que se faz má literatura com bons sentimentos, poderia acrescentar que ainda é pior a literatura que se faz com os maus sentimentos. Se é certo que bons conceitos morais melhoram a poesia de quem não é poeta, é também certo que a perversão piora a poesia de quem a pode fazer bem feita.

É claro que as virtudes morais não entram na operação técnica ou artística, a não ser indiretamente; mas os vícios morais penetram de forma decisiva. Há por aí muita literatura ruim, apelativa, cuja ruindade vem mais da atitude moral dos seus autores do que de carência na técnica propriamente dita. Talvez até com o engenho e arte de que dispõem possam fazer obra apreciável, mas a voluntária sofisticação, o amoralismo evidente, a homossexualidade mental, o desejo mórbido de andar na moda, e mais alguns vícios de caráter, impedem o uso mais adequado do próprio talento, e produzem a literatice depravada, muito comum hoje em dia nas telas de TV. Aí acontece o pior nesse encontro das águas sujas: o público que tem medo de parecer retrógrado descobre prodígios de beleza nessas rumações teratológicas.

Agora já prestes a descansar das "vastas emoções e pensamentos imperfeitos" penso poder rever conceitos e repensar idéias na tranqüilidade que se aproxima. Há rumores cósmicos ao longe. Estalam as cordilheiras das instituições. E o homem geme de cansaço. Ah, se eu pudesse tomar os versos do poeta e pedir três séculos de licença! Viajaria logo para Pasárgada, não para dormir na cama escolhida, mas para levar a Manoel Bandeira as últimas notícias do fim do século.

\* \* \*

Cumpram-me agora traçar o perfil do ilustre Patrono da Cadeira n. 37, que terei doravante a honra de ocupar.

Antônio Cláudio Soído era militar, engenheiro, cartógrafo e poeta; nascido aqui em Vitória, aos 24 de abril de 1822, fez curso brilhante na Escola de Marinha do Rio de Janeiro, tendo alcançado o posto de Almirante e de Chefe de Esquadra.

Por especial gentileza do Museu da Marinha do Brasil recebi a fé-de-ofício do ilustre militar, em manuscrito do século passado, que passarei à Academia e que narra com riqueza a impecável vida profissional desse capixaba notável.

Membro do Conselho Naval, Inspetor do Arsenal de Marinha da província de Pernambuco e posteriormente da de Mato Grosso, Lente de Astronomia da Escola Naval, encarregado de preparar as cartas dos rios Cuiabá e São Lourenço até o Paraguai, foi condecorado com a Ordem de São Bento de Aviz e com a Imperial Ordem da Rosa, por atos de heroísmo na Guerra do Paraguai, principalmente por sua bravura pessoal no combate de Tonelero.

Em 1860 fundou e dirigiu o Arsenal da Marinha de Cuiabá. Como geógrafo e cartógrafo promoveu levantamentos de inúmeras plantas e cartas como a do Rio Paraguai, do Porto de Corumbá e a Carta Geral da Fronteira entre Brasil e Bolívia.

Homem de vastos conhecimentos científicos e literários, traduziu para o português, entre outras obras, O Corsário, de Byron, e Para os Pobres, de Victor Hugo. Publicou vários poemas de sua autoria na imprensa do Rio de Janeiro, sendo divulgados alguns de seus estudos e relatórios na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Patrono da Cadeira n. 4 do Instituto de Geografia Militar do Brasil, foi também Patrono da Cadeira n. 12 da Academia Matro-grossense de Letras. Faleceu em Cuiabá, em julho de 1886.

\* \* \*

E finalmente faço com grande prazer o elogio do primeiro ocupante da Cadeira n. 37, a destacada figura de Juiz que foi José Francisco Monjardim Filho. Mas antes peço licença para fazer ligeira digressão pela admirável saga da família Monjardim, pois desejo envolver nesta homenagem a um Monjardino a inestimável contribuição dessa família ao Brasil e especialmente ao Estado do Espírito Santo, desde os primórdios de sua existência nos arredores de Gênova em tempos bastantes recuados, no primeiro quartel do século XVI, até as marcantes passagens por Lisboa e Açores. Inácio João Monjardim, já Tenente do Regimento de São Pedro de Paço de Arcos em 1776 foi nomeado Capitão-mor da Capitania do Espírito Santo, e tomou posse na sede do Governo do Brasil, na Bahia, em 1782, rumando em seguida para sua Capitania. Exerceu notável atividade durante os quinze anos que durou a sua administração. Fundou aldeias, estimulou a agricultura, e combateu heroicamente os franceses, que tentaram invadir seus domínios. Descendendo dessa nobre linhagem tivemos várias outras figuras ilustres que escreveram páginas inesquecíveis da história do Espírito Santo. Alpheu Adolpho Monjardim de Andrade e Almeida, distinguido pelo Impe-

rador com o título de Barão de Monjardim, foi Vice-Presidente da província e depois Presidente eleito pelo voto popular em 1891, no regime republicano. Seu filho, Américo Monjardim, duas vezes Prefeito de Vitória, com grandes marcas na administração da cidade. Alpheu Adolpho Poli Monjardim, o nosso Adolpho Monjardim, também duas vezes Prefeito de Vitória, é escritor notável e membro desta Academia de Letras, com vasta obra publicada e diversos prêmios conquistados em concursos literários pelo País.

Como podemos verificar pelos ligeiros traços que esbocei, é perfeitamente cabível a digressão que fiz para emoldurar no quadro dessa família ilustre a figura singular de José Monjardim Filho.

Estudou José Monjardim inicialmente em Vitória, tendo concluído o curso secundário no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, onde também se formou em Direito pela Faculdade Nacional. Advogado e Promotor em Santa Leopoldina, lecionou Direito Penal e Internacional na Universidade Federal do Espírito Santo. Pertenceu ao Serviço Jurídico Estadual e foi membro do Conselho Regional da OAB. Juiz no Estado do Rio de Janeiro, onde passou em 1º lugar no concurso a que se submeteu, foi cassado por ter concedido o célebre "Habeas Corpus" a Luiz Carlos Prestes, figura proibida naqueles tempos obscurantistas. A injustiça do ato foi tanta que todos os Tribunais do País, em memorável documento que contou com o apoio unânime da magistratura nacional, pediram ao então Presidente Castelo Branco que suspendesse a cassação. Mas as razões da força impediram o "beau-geste". Este fato marcou profundamente o discreto e probo Juiz José Monjardim, que se manteve desde então no anonimato voluntário, distante de tudo e de todos, deixando inclusive de advogar.

\* \* \*

E agora, José? E agora, João? E agora, meu caro amigo, você, que me estende a mão lá no topo desta escada; você, nascido de admirável família de educadores, que ajudou a encaminhar gerações e gerações de capixabas; que devo dizer para agradecer-lhe a saudação e a delicadeza de gesto? "Lutar com palavras é a luta mais vã", como dizia **Carlos Drummond**, pois às vezes elas atropelam o pensamento gratíssimo brotado das profundezas insondáveis da alma, e esbarram no molambo da língua paralítica, como nos versos de **Augusto dos Anjos**.

Que devo falar, para encerrar nosso encontro?

Alguém já disse que nossas vozes não se perdem nunca no infinito do tempo, nem ficam adormecidas nas páginas dos anais. Toda palavra ou frase, uma vez pronunciada, marca um instante em nossa própria vida e na vida daqueles que nos ouviram. A palavra, uma vez dita, jamais se perde.

E tenho a impressão de escutar agora os discursos pronunciados desde os tempos antigos de nossa Academia. Vozes dos oradores que surgiram, deram sua mensagem e desapareceram na sombra da morte. Vozes que ressoam ainda no fundo de nossas lembranças.

Senhores Acadêmicos,

Meu caro João Herkenhoff,

**Afrânio Peixoto** dizia que um acadêmico são dois discursos. Um, que ele ouve no dia da posse, outro, que não mais ouvirá na sua sucessão.

Neste instante, desejo agradecer-lhe por este com que me recebeu aqui hoje, envolvido nas densas emoções desta noite.